

Hipercorreção da coda final (r): o que dizem os fatores estruturais

Hypercorrection of final coda (r): what point linguistic factors

Caio Mieiro Mendonça*

RESUMO

Este trabalho consiste em uma revisão da literatura sobre a variação na inserção hipercorretiva da coda final (r) em textos escritos em língua portuguesa. Analisam-se investigações sobre textos escolares e sobre a escrita em ambientes digitais, focando-se o tratamento dos fatores estruturais nessas pesquisas. Constatando-se a baixa expressividade de materiais que se debruçam explicitamente sobre o tema, este texto explora a abordagem secundária do fenômeno em trabalhos de natureza distinta (a. sobre casos diversos de hipercorreção, e b. sobre a representação gráfica da coda final (r)), bem como resenha textos que versam especificamente sobre usos hipercorretos de <r>. Verifica-se, de maneira geral, uma assistemática nas análises do fenômeno, apesar de alguns contextos estruturais serem observados com mais recorrência. Os resultados encontrados indicam a majoritária tentativa das pesquisas de reproduzir os métodos de análise da coda (r) empregados pelos estudos de fala, e apontam ainda que trabalhos mais recentes têm desenvolvido metodologias específicas para dar conta das complexas relações entre fala e escrita que permeiam o fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Hipercorreção. Coda final (r). Fatores estruturais.

ABSTRACT

This work consists of a literature review on the variation in the hypercorrective insertion of the final coda (r) in texts written in Portuguese. It analyzes investigations

DOL: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n71.1505>

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, caio.mieiro@gmail.com,

<https://orcid.org/0000-0002-1264-3914>

into school essays and writing in digital environments, focusing on how structural factors are treated in these studies. Noting the low expressiveness of materials explicitly addressing the topic, this text explores the secondary approach to the phenomenon in works of a distinct nature (a. on various cases of hypercorrection, and b. on the graphic representation of the final coda (r)), as well as reviews texts that specifically discuss hypercorrect uses of <r>. Overall, a lack of systematicity is observed in the analyses of the phenomenon, despite some structural contexts being noted with more recurrence. The results found indicate the majority tendency for the research to replicate the methods of coda (r) analysis employed by speech studies, and further point out that more recent works have developed specific methodologies to account for the complex relations between speech and writing that permeate the phenomenon.

KEYWORDS: Hypercorrection. Final coda (r). Structural factors.

1. Introdução

A literatura sobre a coda final (r) na fala demonstra a sua inexpressiva realização em itens verbais, indicando que o uso do segmento restringe-se a contextos de maior monitoramento que demarcam variação estilística, o que aponta um processo de mudança praticamente implementado em diferentes variedades do português brasileiro (OLIVEIRA, 1983; CALLOU; MORAES; LEITE, 1998; HORA; MONARETTO, 2003; CALLOU; SERRA, 2012; RENNICKE, 2016). Apesar da ausência do segmento na fala, a escrita exerce um papel conservador, preservando o uso de <r> para sinalizar o morfema infinitivo e outros usos da coda, como “*quer*”, “*vir*” (subjuntivo). O caso do infinitivo, em especial, tem seu uso prescrito pela escola, o que faz com que esse paradigma verbal apresente maior saliência à percepção e à avaliação dos falantes. O usuário da língua, com isso, vê-se em meio a duas forças antagonistas em relação à coda final (r): a. o uso corrente, que não registra o segmento em interações faladas, e b. a pressão normativa, que, além de reforçar a representação escrita do segmento no ambiente escolar, firma um estigma quanto ao registro escrito pareado à fala.

Mesmo com a influência prescritiva da escola, entretanto, os estudos sobre o registro do grafema <r> em verbos mostram o seu caráter variável, que se explica pelo baixíssimo quantitativo de *input* linguístico do segmento na modalidade falada do português brasileiro, e, com isso, dificulta a sistematização de seus contextos estruturais e de uso. O saber linguístico acerca do uso da coda final (r), portanto, afasta-se da consciência dos fatos linguísticos por representar a reflexão explícita sobre o que “não está na língua” (MENDONÇA, 2021). A dificuldade imposta pelas diferenças (socio) linguísticas do uso da coda final (r) na fala e na escrita leva a padrões de hipercorreção (a. “ninguém me *encontrarar* em casa”; b. “você não *saber* de nada mesmo”).

A inserção hipercorretiva do rótico já foi constatada na literatura há algum tempo, embora sem aprofundamento. Callou, Moraes e Leite (1998) citam o trabalho de Houaiss (1970), que menciona indícios de recuperação do (r) em hipercorreções; Camara Jr. (2004 [1972]) aponta a inserção hipercorretiva da coda final (r) em formas verbais não infinitivas como um dos erros escolares frequentes. Apesar da recorrência do fenômeno, há pouca expressividade de trabalhos que investiguem a hipercorreção da coda final (r), o que dificulta a atuação dos professores e pesquisadores que se deparam com tal hipercorreção. Adicionalmente, trabalhos recentes sobre o assunto com abordagem sociolinguística (MENDONÇA, 2021; MENDONÇA; MELO, 2023) ampliam o escopo de análise para textos publicados em ambientes digitais, como redes sociais, fóruns de reclamação, entre outros. Com isso, há necessidade de se adaptarem as metodologias de coleta e análise de dados do fenômeno, tendo em vista a impossibilidade frequente de se precisarem características sociais dos escreventes.

Diante de tal realidade, apresenta-se esta revisão crítica de literatura com vistas a verificar de que maneiras vêm sendo descritos em trabalhos científicos o fenômeno da hipercorreção e a inserção hipercorretiva da coda final (r) em formas não infinitivas. Desse modo, são apresentadas e comentadas informações e resultados de pesquisas anteriores, com o

objetivo de aprofundar as reflexões sobre o fenômeno da hipercorreção, considerando as relações entre a consciência linguística do falante e as realidades sociolinguísticas que condicionam o uso de formas hipercorretas. Em se tratando do uso hipercorretivo da coda final (r), as discussões aqui apresentadas têm por interesse a reflexão sobre como as análises da inserção hipercorretiva do rótico na escrita escolar e nos ambientes de interação digital contribuem para o entendimento dos condicionadores estruturais do fenômeno. A escolha por se observarem apenas fatores estruturais justifica-se pelo fato de alguns trabalhos sobre os usos não convencionais da coda final (r) tanto na escrita escolar quanto na escrita digital não abordarem fatores sociais.

Busca-se, inicialmente, na seção *Hipercorreção*, contextualizar o trabalho com uma leitura crítica da abordagem da hipercorreção na literatura, considerando a relação do fenômeno tanto com a instituição escolar quanto com o contato entre normas linguísticas que apresentam assimetrias de prestígio, encaminhando a discussão sobre o comportamento prescritivo em ambientes digitais. Em seguida, na seção *Inserção hipercorretiva da coda final (r) em textos escolares*, verificam-se os trabalhos que mencionam direta e indiretamente o fenômeno, apontando os fatores estruturais abordados nas análises. Finalmente, na seção *Inserção hipercorretiva da coda final (r) em ambientes digitais*, discutem-se as variáveis apontadas pelos poucos trabalhos que propõem a análise do fenômeno fora da escrita escolar.

2. Hipercorreção

Todo falante é capaz de perceber os fatos linguísticos da sua produção e da dos demais falantes, capacidade denominada consciência linguística. Outra competência diretamente relacionada à consciência linguística envolve “tomar a língua como objeto de reflexão e análise, dissociando-a de seu uso habitual como meio de interação” (SOARES, 2018 [2016], p. 125), nomeada pela literatura como consciência metalinguística. O nível de percepção e

a profundidade das reflexões operadas a partir de tais capacidades estão diretamente relacionados ao acesso que o falante tem à educação formal e ao seu nível de inserção social, ou seja, quanto maiores o grau de escolarização e sua inserção em instâncias sociais diversificadas, tão maior poderá ser a consciência do falante sobre os fatos da língua. O aspecto social das consciências linguística e metalinguística permite ao usuário da língua identificar, tanto pelos contatos linguísticos entre normas distintas quanto pelo trato para com falantes de diferentes recortes sociais, as avaliações sociais firmadas em cada estrato da sociedade que recaem sobre determinados paradigmas linguísticos. A partir da observação consciente sobre tais realidades, o falante tem a possibilidade de manipular os paradigmas linguísticos em questão durante seus usos, garantindo o êxito de seus objetivos comunicativos.

Refletir sobre a língua, entretanto, não é sinônimo da compreensão dos fatos do sistema e de suas contrapartes extralinguísticas. A reflexão sobre o binômio prestígio/estigma feita pelo falante a partir da identificação da atribuição de significados sociais às formas linguísticas envolvidas em padrões de variação pode gerar uma hipersensibilidade ao prestígio, que implica perceber traços linguísticos de grupos mais prestigiados socialmente e/ou traços estigmatizados de sua própria norma, mas não sistematizar os contextos estruturais nos quais tais traços se realizam. Uma vez que não há sistematização, durante a modulação de paradigmas linguísticos, o falante pode ultrapassar os contextos de uso dos traços prestigiados, corrigindo irrestritamente aqueles vistos como estigmatizados, por conta do sentimento de insegurança linguística, fenômeno referido por Labov (2008 [1972]) como hipercorreção.

As motivações encontradas para os fenômenos hipercorretivos são de ordem estrutural e estilística (MOLLICA, 1989; CALVET, 2002; BAGNO, 2012; BORTONE; ALVES, 2014; MENDONÇA, 2021; MENDONÇA; MELO, 2023). Objeto de interesse dos estudos sociolinguísticos, a hipercorreção atinge diversos níveis do sistema linguístico: i. fonológico (*bandeija*); ii. morfofonológico (*grandãos*); iii. morfológico (*cabeu*); iv. morfossintático

(*houveram olimpíadas*); v. sintático (*este livro trata-se de uma obra-prima*); vi. textual-discursivo (*ele me afirmou isso, onde eu tive que mostrar o erro dele*); vii. semântico (*o seu hamster encontra-se morto*). Um dos fenômenos sobre os quais atuam condicionadores de ambas as ordens é a inserção hipercorretiva da coda final (r) em formas verbais não infinitivas (a. *não me divertir nada hoje*; b. *you estar maravilhoso com essa roupa*), fenômeno que se encontra entre os limites dos níveis fonológico e morfológico.

No que se refere à produção linguística em ambiente escolar, uma outra faceta do fenômeno é abordada: o conceito de erro de acordo com a norma-padrão. A literatura que sucede Labov (2008 [1972]) constantemente discute, quando se aborda a hipercorreção, a tentativa do falante de se adequar a um ideal linguístico associado às regras da norma-padrão (MOLLICA, 1998; CALVET, 2002; BAGNO, 2012; BORTONE; ALVES, 2014). Tais reflexões colocam a instituição escolar como geradora do preconceito linguístico, que é gotejado na sociedade, para além dos muros da escola, pelos próprios falantes em suas dinâmicas interacionais. Tal preconceito afeta os usuários da língua tanto no que diz respeito à produção quanto no que se refere à avaliação das formas linguísticas, restando determinados usos e fomentando outros hipercorretos.

Os apontamentos da literatura recente sobre a hipercorreção indicam a influência cruzada de três grandes fatores: i. *o desenvolvimento da consciência linguística*, que permite ao usuário da língua refletir sobre os seus usos linguísticos e sobre os dos demais, e, a partir disso, identificar as relações de prestígio/estigma firmadas, perceber paradigmas linguísticos e modulá-los em seus usos; ii. *o sentimento de insegurança linguística*, que se instaura a partir dos contatos linguísticos entre normas distintas e leva o falante/escrevente a avaliar a sua produção linguística como qualitativamente inferior em relação aos padrões de uso das normas mais prestigiadas, e iii. *a pressão normativa escolar*, que se espalha *extra muros*, propalando prescrições assistemáticas e/ou incoerentes, que atingem mesmo aqueles que não tiveram acesso direto à escolarização.

Há que se destacar, entretanto, que a leitura de Labov (2008 [1972]) sobre a hipercorreção prevê uma imitação exagerada das formas prestigiadas, mas não afirma que esse exagero resulte em formas inovadoras e que se afastem da norma-padrão. Como exemplos de hipercorreções nos termos labovianos, destacam-se a retroflexão dos róticos em coda abordada pelo autor, e o que se verifica na língua portuguesa nos casos de “correção” do alteamento, como no item sep[e]tiba, produzido por falantes do dialeto carioca, dado no qual a expressão da vogal média-alta [e] no lugar da alta [i] se afasta da norma carioca, mas não representa um erro do ponto de vista da norma-padrão. Não é possível, portanto, estabelecer uma relação unívoca entre hipercorreção e erro.

Uma outra questão acerca da hipercorreção é a defesa de que o fenômeno ocorra via hipermonitoramento da produção, motivado por insegurança linguística. Apesar de a hipercorreção se manifestar em textos que requerem do falante maior nível de monitoramento, verificam-se também dados de hipercorreção em textos de gêneros menos formais e/ou naqueles produzidos em situações que não impõem o exame rigoroso da produção linguística, como se observa em alguns textos veiculados em suportes digitais. Destaque-se que os fatos de o gênero, a situação comunicativa e o grau de simetria entre os interlocutores não demandarem monitoramento alto não implica dizer que não haja avaliação social negativa das formas hipercorretas.

Identificam-se ainda casos de hipercorreções que exibem padrões previsíveis e, portanto, também desassociados do monitoramento. A regularidade das hipercorreções é tratada na literatura dentro dos casos de supergeneralização, que significa transpor um paradigma linguístico para além de seu contexto de uso, quando em ambiente favorecedor. Como exemplos de supergeneralização no nível fonológico, uma regra linguística pode ser aplicada por influência de condicionantes estruturais e lexicais, desde que o falante identifique a recorrência de algum fenômeno naquele contexto linguístico. Vejam-se os dados a seguir: a. verifica-se o abaixamento de algumas vogais em contexto pretônico, como os casos do uso de vogais

médias em itens como p[o]purina (*purpurina*) e d[e]latar (*dilatar*); b. observam-se dados de ditongação diante de fricativa pós-alveolar, tais quais band[ej]ja (*bandeja*) e f[aj]chada (*fachada*); c. identificam-se usos da coda (r) para marcação de tonicidade final, tal como “har”, “vocer”, “colherzinha de char”, “maracujar” e “leite em por”; d. no que diz respeito à influência de itens, destacam-se os casos de rech[ej]ado (recheado) e fr[ej]ada (freada), em que as formas nominais “recheio” é “freio” são transpostas para a formação dos participípios.

Em relação à avaliação das formas hipercorretas, Calvet (2002) aponta um a ridicularização do falante que incorre em hipercorreções. Isso se verifica no trabalho de Mendonça (2022) sobre a hipercorreção da coda (r) em ambientes digitais. Pelo fato de não ter havido, por muito tempo, fiscalização rigorosa dos comportamentos dos usuários, as redes sociais são vistas como territórios livres para violências e agressões linguísticas. O autor discute que as normas de conduta linguística às quais os falantes estão sujeitos não raro se relacionam a discursos de ódio aos próprios falantes, associando-os, de maneira pejorativa, a membros de determinadas comunidades de práticas menos escolarizadas.

Mendonça (2022), a partir de buscas pelos itens “verbo” e “infinitivo”, na rede social X (antigo *Twitter*), identifica e categoriza as avaliações negativas acerca da coda final (r) em formas verbais, destacando a assistemática das prescrições que as acompanham. Dentre os problemas de prescrição identificados quanto à não representação da coda (r) em formas infinitivas,

-
- 1 Dados do fenômeno na fala são verificados nos seguintes vídeos: a. “é só vocer aquecer”, disponível em <<https://www.instagram.com/reel/C5WK2htOJkF/?igsh=MWMzZzU0b2o5aHYw>>, acesso em 08 abr. 2024; b. “colherzinha de char”, disponível em <<https://www.facebook.com/share/v/nzBMLSqwcNTjo3ra/?mibextid=Zg00Y8>>, acesso em 12 fev. 2024; c. “vamos viver tudo o que har pra viver”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NLJNG6BEWrI>>, acesso em 07 abr. 2024; d. “maracujar” e “leite em por” <<https://www.youtube.com/watch?v=nufG7IQXaA&feature=youtu.be>>, acesso em 08 set. 2021.

destacam-se o uso dos termos “palavra” e “letra” para se referir a itens verbais e ao rótico; ainda a menção a “palavras no infinitivo”, sem associá-las à classe dos verbos; também a referência à classe dos verbos de maneira geral, e a nomeação da categoria “infinitivo”, sem diferenciá-la das demais categorias verbais. Já no que se refere aos casos de hipercorreção da coda (r) em formas não infinitivas, identificam-se também a referência ao termo “palavras”; a associação do uso hipercorretivo da marca de infinitivo com “não conjugação”, e a menção a algumas categorias verbais, como tempo e pessoa, sem apresentar qualquer sistematização.

A assistemática das prescrições somada ao discurso odioso veiculado durante as práticas de “higiene verbal” que pregam os usuários de redes sociais impulsionam um ciclo vicioso de hipercorreção. Tal ciclo se inicia na incerteza sobre o uso da coda (r), que se converte em hipercorreções. A partir do contato com as normas obscuras de conduta linguística nos ambientes digitais, os escreventes não conseguem internalizar as regras da tradição e, quando do monitoramento, apoiam-se em modelos assistemáticos e defectivos reforçados via interação digital.

3. Inserção hipercorretiva da coda final (r) em textos escolares

3.1 Menções ao fenômeno

A maioria dos trabalhos que abordam a hipercorreção da coda final (r) em textos escolares faz isso secundariamente. As menções ao fenômeno estão pulverizadas em trabalhos de caráter intervencionista que abordam a representação da coda final (r) em formas infinitivas (*fazer* versus *faze*). Durante as investigações, os professores-pesquisadores deparam-se com tais dados hipercorreção, mas, por uma série de fatores, dentre os quais se destaca a raridade da variável em relação a outras, não se consegue abordar especificamente o fenômeno. Dentre as abordagens secundárias da inserção

hipercorretiva da coda final (r), destacam-se: Almeida (2016), Queiroz (2016), Martins (2019) e Branco (2020).

Almeida (2016) estuda o apagamento e a inserção hipercorretiva de -r em coda final de verbos, em uma pesquisa intervencionista com análises qualitativas. O *corpus* analisado é composto a partir de uma amostra de produções escritas de duas turmas de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II da rede pública estadual de Fortaleza.

Foram realizadas duas formas de coleta: a redação e o ditado. A autora recolheu, por meio de redações, em uma das turmas, o total de 488 dados de infinitivo para diagnóstico, dentre os quais 66 configuravam apagamento do rótico e 30 inserções. Na segunda turma, por meio do ditado, foram levantados 430 dados de diagnóstico, sendo 96 de apagamento e 4 de inserção. Observa-se que, tanto na tarefa semiespontânea (redação) quanto na controlada (ditado), há presença de “erros de ortografia”, tal como denomina a autora.

Um ponto interessante quanto aos dados de Almeida (2016) é a diferença significativa de ocorrências de hipercorreção na tarefa guiada, o que é um indicativo de que a hipercorreção do rótico está relacionada às situações mais espontâneas, como é o caso da produção individual que, em tese, incita um menor grau de monitoramento da escrita. Quanto ao fenômeno da hipercorreção, a autora destaca que ela pode se espalhar para outras classes de palavras, “formando verbos”:

Tal processo é identificado também como hipercorreção que, segundo Cagliari (2001, p. 141), é muito comum quando o aluno já conhece a forma ortográfica de determinadas palavras e sabe que a pronúncia destas é diferente. Dessa maneira, o aprendiz passa a generalizar a forma de escrever algumas palavras, como acontece em relação aos verbos no infinitivo: formas como “pode”, “volta”, “ganha”, “paga” na 3ª pessoa do presente do indicativo, são escritas com o acréscimo do r ao final da palavra. Outro caso é a inserção desse sufixo “r” a outras classes de palavras, como “se”, “te” que acabam formando os verbos “ser” e “ter”. (ALMEIDA, 2016, p. 48)

Queiroz (2016) foca suas investigações na influência exercida pela fala sobre a escrita, analisando a ausência do registro da vibrante em coda final. A autora observa dados de ambiente off-line (produções escritas na escola) e on-line (mensagens instantâneas enviadas pelo *Whatsapp*), a fim de comparar os índices de apagamento do rótico nos dois ambientes. A pesquisa conta com 72 informantes distribuídos entre as séries do Ensino Fundamental II (do 6º ano ao 9º ano), de idades que variam entre 11 e 18 anos, cujas origens não foram reveladas por questões éticas. Foram realizadas análises qualitativas e quantitativas dos dados que se seguiram por estratégias de intervenção.

A variável *tamanho do vocábulo* apresenta resultados que confirmam as análises da literatura sobre a maior incidência de apagamento em itens mais extensos: “a recuperação na escrita de grafemas cancelados na fala em itens grandes é menos frequente” (MOLLICA, 2003, p.41 *apud* QUEIROZ, 2016, p. 69). A variável *classe gramatical* apresentou diferenças em ambos os ambientes. No ambiente off-line, há maior predominância de apagamento em substantivos e, no on-line, em verbos. Essas diferenças são explicadas pelo tipo de atividade que se desenvolvia no ambiente off-line. A autora esclarece que a discrepância se deve à utilização de determinados substantivos que a atividade solicitava.

A variável *ambiente precedente* aponta, em ambos os contextos, para o favorecimento da vogal central baixa [a] para o apagamento. Quanto à marcação, o contexto on-line aponta as vogais posteriores médias [o] e [ɔ] como significativas. O contexto subsequente, enquanto apresenta dados muito próximos de ambiente off-line, no ambiente on-line aponta a pausa como maior influente, seguida de nasais, vogais, oclusivas e fricativas. A variável *tonicidade* aponta para as palavras oxítonas como favorecedoras da queda do segmento, em ambos os ambientes. Já a variável *tipo de verbo* indica que os regulares favorecem a marcação nos dois ambientes, “por causa da coincidência que há nos verbos regulares que ao ser suprimido o -r final da forma nominal infinitivo, a palavra fica igual à terceira pessoa do singular,

podendo levar o aprendiz a confundir as duas formas” (QUEIROZ, 2016, p. 76-77).

Quanto aos dados de hipercorreção, a Queiroz (2016, p. 54) identifica a marcação hipercorretiva do rótico em verbos conjugados “mas isso não dar muito dinheiro”; em particípios verbais “mais ele não estava lá devido ele ter idor preucurar”; em nomes, “Quero ter uma motor”; em preposições, “Não tinha linha nem pipa e foram ater uma barraca”, e conjunções, “por serem crianças sonhavam, uns tinha 12, 11, 10 er falavam que não”.

Martins (2019) propõe-se a investigar a variação na escrita do /R/ em coda silábica final de verbos infinitivos, analisando produções escritas de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, da rede pública estadual do município de Mariana (MG), além de realizar uma comparação entre os dados da escrita e outros identificados em produções orais dos mesmos informantes. A pesquisa conta com dez informantes, cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Foram apresentadas aos alunos histórias de dois livros infantis e um episódio da animação Turma da Mônica. A pesquisadora recolheu 29 textos escritos pelos informantes sobre as três histórias e 29 áudios nos quais os alunos narravam as histórias que haviam ouvido.

Os dados de produções escritas apresentam incidência de 11.8% de apagamento de /R/. De um total de 195 verbos, 23 não apresentaram o rótico, sendo eles 4 da primeira conjugação, 19 da segunda e nenhum da terceira. Houve predominância de apagamento em verbos dissílabos e a forma verbal *quer* apresentou a maior incidência de apagamento (78% das ocorrências). As produções orais apresentaram o percentual de 80.4% de apagamento do rótico. Foram 202 casos de apagamento de 251 ocorrências, sendo eles 88 da primeira conjugação (43.53%), 102 da segunda (50.4%) e 12 da terceira (5.9%).

Martins (2019) destaca casos de outros “erros” em seção à parte, na qual dá especial destaque para casos de hipercorreção: “Na inserção do r ao verbo deixa, pressupomos também uma propagação da regra aplicada aos verbos no infinitivo, que leva o aluno novamente a cometer uma hipercorreção” (p. 95). Para a autora, os alunos, quando realizam hipercorreções, demonstram

capacidade para a assimilação, para a internalização e para a generalização de regras (p. 94).

Por trás desses erros, sobretudo nos casos de hipercorreção, estão presentes as hipóteses construídas pelas crianças no momento da escrita, a partir das quais elas evidenciam sua competência linguística, atuando como sujeitos ativos no processo de busca pela escrita ortográfica. Ou seja, nesses casos, é possível observar a apreensão das regras por trás da escrita das palavras pelos alunos, que tentam reproduzi-las objetivando o acerto. (MARTINS, 2019, p. 98)

Branco (2020) estuda o apagamento do -r em posição de coda nas produções escritas dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública estadual, no município de Santo Antônio do Descoberto/ Goiás. A pesquisa contou com 30 informantes, 14 do sexo masculino e 16 o sexo feminino, com idades entre 13 e 16 anos. O *corpus* de análise conta com a produção inicial de textos pertencentes ao gênero memórias. A variável estrutural utilizada na análise foi *extensão do vocábulo*.

A autora constata que o apagamento do -r final só ocorreu em verbos. Dentre as 30 produções iniciais, 10 apresentaram apagamento do rótico. Houve índices expressivos de não marcação do rótico e de hipercorreção: de 136 ocorrências iniciais, 31 verbos apresentavam apagamento e 30 a hipercorreção. A variável *dimensão do vocábulo* identifica, a partir do total de casos de apagamento, 2 ocorrências em monossílabos (6.45%), 23 em dissílabos (74.20%) seis em trissílabos (19.35%) e nenhum dado de apagamento em polissílabos. As análises de Branco (2020) optaram por não considerar as demais variáveis.

Em relação à inserção do rótico ao final de verbos conjugados, a autora a caracteriza como uma hipercorreção do apagamento do /R/ em posição de coda final (BRANCO, 2020, p. 48) e se refere ao fenômeno como uma estratégia: “foram vários casos encontrados em que alguns alunos mostraram esta estratégia. É preciso discutir isso e apontar alguma solução.” (BRANCO, 2020, p. 65).

Os estudos suprarreferidos apontam a baixa frequência da variante em relação aos demais usos da coda final (r) e discutem a inserção hipercorretiva do <r> como uma generalização da norma ortográfica que evidencia a consciência linguística dos aprendizes, demonstrando as suas capacidades de fazer analogias e de aplicar regras. A hipercorreção da coda final (r) é avaliada como uma estratégia empregada pelos estudantes durante o seu processo gradativo de apropriação das normas ortográficas. No que se refere aos dados, identificam-se: i. a manifestação do fenômeno em variadas classes de palavras (*er* por “e”, *ater* por “até”, *motor* por “moto”), o que confirma o seu espraiamento para além dos verbos; ii. a formação de itens que não coincidem com palavras da língua, criando formas inovadoras (*percebir* por “percebi”, *possar* por “possa”, *idor* por “ido”), o que aponta para o fato de as hipercorreções extrapolarem a associação entre o item verbal e a grafia padrão do infinitivo (*dar* por “dá”, *seguir* por “seguir”, *perceber* por “percebe”), e iii. a produtividade das hipercorreções em ambientes átonos (*ligar* por “liga”, *saber* por “sabe”), o que sugere a impossibilidade de avaliar a inserção hipercorretiva de (r) estritamente como uma marca de tonicidade.

3.2 Tratamento junto à variação no quadro do infinitivo

Dois trabalhos destacam-se por abordar a inserção hipercorretiva da coda (r) final junto à não representação do segmento em formas infinitivas sejam eles: i. Freitas (2018), que investiga a representação da coda (r) em itens verbais, considerando a manifestação da coda em formas infinitivas, e a inserção do (r) em verbos flexionados na terceira pessoa do singular no presente do indicativo, a partir de um corpus de produções escritas de alunos de 7º ano de uma escola da rede municipal de Fortaleza (CE), e ii. Bomfim (2021), que propõe a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, de um Colégio da área urbana da cidade de Aracaju/SE intervenções para os casos de apagamento da coda (r) em infinitivos e de hipercorreções do segmento em verbos flexionados.

O estudo de Freitas (2018) é uma pesquisa-ação que busca avaliar o efeito de um ensino reflexivo para as convenções de escrita acerca da representação do <r> em verbos no infinitivo, e acerca da ausência da coda (r) em formas verbais de P3 do presente do indicativo. O corpus do trabalho é formado por 275 dados extraídos de 50 textos produzidos por alunos de duas turmas distintas durante as Olimpíadas de Língua Portuguesa. Não há menção no texto aos itens verbais que foram encontrados nas atividades, sendo apenas apresentadas as quantidades de desvios. Os desvios foram contabilizados em duas atividades diagnósticas, denominadas pré-testes.

O primeiro pré-teste, do qual participaram 24 alunos, envolveu a escrita de redações. Dos 31 desvios encontrados na atividade, 21 representavam dados de apagamento e 10 eram casos de inserção. Além desses dados, outros fenômenos linguísticos são mencionados pela autora, dentre eles, destaca-se a inserção da coda (r) em formas não verbais, o que é analisado como outro tipo de desvio. Já o segundo pré-teste consistiu em um ditado musicalizado com 29 verbos, do qual participaram 31 alunos. Identificam-se 244 desvios, dentre os quais 30 representavam hipercorreções.

Não se fazem análises específicas em relação aos fenômenos linguísticos, avaliando-se apenas os resultados das atividades de intervenção. Entretanto, é interessante observar que o recorte da pesquisa aproxima bem a hipercorreção e a realização da coda em formas infinitivas, delimitando a interferência da representação gráfica dos infinitivos nas hipercorreções. Tal relação é mencionada pelo trabalho de Queiroz (2016), que identifica algumas formas verbais em que há coincidência entre hipercorreção e infinitivo padrão escrito como elementos de confusão para o escrevente, que transitaria entre ambas as representações (com e sem <r>).

As reflexões sobre os desvios (não representação do grafema <r> e hipercorreção) apresentadas por Freitas (2018) discutem o papel do conhecimento metalinguístico dos aprendizes. A autora destaca que os alunos não conseguem ainda associar a fala e a escrita, sem localizar suas diferenças no que se refere à não representação. Além disso, destaca o papel da

consciência morfológica se torna evidente nos desvios, uma vez que, segundo a autora, não se usa o conhecimento da classe gramatical para auxiliar na correta representação das formas flexionadas: “Essa oscilação no uso ou não do -r no final dos verbos é indicativa da falta de domínio de convenções de escrita das formas verbais analisadas ou alternâncias de hipóteses, talvez pela ausência de atividades orais” (FREITAS, 2018, p. 69).

Bomfim (2021) desenvolve um trabalho intervencionista no qual se propõem atividades para o desenvolvimento da consciência acerca do uso do (r) em itens verbais, considerando-se a não representação da coda em infinitivos e a sua inserção em verbos flexionados. O apagamento da coda é abordado como um caso de motivação fonológica, associando a percepção do escrevente sobre a ausência do segmento na fala à transposição de tal realidade para a escrita. Já a inserção é avaliada como uma hipercorreção motivada pelo monitoramento da produção escrita que leva à extrapolação da norma: “trata-se de um monitoramento movido pela vontade de acertar, pois instigados pela ideia de que no geral o apagam, findam por colocá-lo” (BOMFIM, 2021, pp. 17-8).

A autora levanta, como questão de pesquisa, que o monitoramento da produção escrita, tendo em vista que se tratam de textos escritos para a professora de língua portuguesa, levaria a uma quantidade de hipercorreções semelhante à de apagamentos. A atividade para diagnose inicial reuniu 28 textos produzidos pelos alunos, nos quais identifica-se a ocorrência 63 casos de apagamento e 38 dados de hipercorreção. As hipercorreções foram categorizadas de acordo com a *conjugação verbal* e o *contexto subsequente*.

No que diz respeito à distribuição dos dados pelo grupo de fatores *conjugação verbal*, observou-se a recorrência da hipercorreção em verbos de 2a e 3a conjugações. A partir disso, a autora traça relações entre o fenômeno e a frequência de uso dos itens, discutindo a possibilidade de que os escreventes aumentem o monitoramento diante de itens lexicais menos frequentes. Quanto ao *contexto subsequente*, a distribuição dos dados mostrou-se bastante equilibrada: 19 diante de consoantes *versus* 18 diante de vogais; em relação

ao vozeamento das consoantes, 11 ocorrências diante de segmentos sonoros e 8 diante de surdos. Isso parece indicar que o ambiente fonológico seguinte não é relevante para o fenômeno.

Em relação aos itens, foram encontrados 21 verbos hipercorretos, dentre os quais 14 formam homonímias com o infinitivo padrão escrito (passar, trabalhar, buscar, dar, ver, vir, poder, sair, divertir, cair, insistir, conseguir, sentir, desistir) e 7 representam usos não coincidentes com palavras da língua (ajudor, sofrer, perceber, esconder, podiar, correr, existir). A variedade de contextos antecedentes à coda, embora não tenha sido abordada no trabalho, aponta para uma relação que extrapassa o conhecimento dos itens individualmente e atinge a classe dos verbos como um todo.

As reflexões sobre os desvios em ambos os trabalhos discutem o papel do conhecimento metalinguístico dos aprendizes. Os trabalhos postulam que as hipercorreções ocorrem via hipermonitoramento da escrita, o que decorre do nível de consciência linguística dos escreventes, os quais ainda apresentam dificuldades em localizar as diferenças entre ambas as modalidades.

3.3. Abordagem direta

O trabalho de Cesar (2017) discute especificamente o acréscimo indevido do grafema <r> em posição de coda silábica. A autora analisa um corpus formado por dados de escrita de estudantes de uma escola da rede pública estadual do município de Mesquita, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e ainda por dados do fenômeno obtidos a partir de fontes digitais. Destaca-se no trabalho que a hipercorreção é uma tentativa de adequar a produção linguística a um ideal de “culto” que incorre na alteração de formas linguísticas, associando o fenômeno à insegurança linguística relacionada às regras da norma-padrão. O corpus reúne 95 ocorrências do fenômeno, que não se restringe à classe dos verbos. Os dados encontrados são discriminados na tabela a seguir:

CATEGORIAS	DADOS DE ESCRITA ESCOLAR	DADOS DE FONTES DIGITAIS	Nº OC.
Pronomes	ser/sir (se), tir (te), vocêr (você)	ser (se), ter (te),	12
Conjunção	ir (e)	*****	4
Advérbios	lar (lá), da ir (daí)	*****	3
Substantivos	jogor (jogo), menor (menino), aver (ave), colegar (colega), never (neve), trabalho (trabalho), fazer (fase), florestar (floresta), chonor (sono), babar (babá)	ferar	12
Verbos paroxítonos	acabar (acaba), chamar (chama), machucar (machuca), lutar (luta), estudar (estuda), pular (pula), assustar (assusta), calçar (calça), ficar (fica), estavar (estava), usar (usa), fechar (fecha), colocar (coloca), pintar (pinta), tiver (tive), resolver (resolve), vender (vende), saber (sabe), vendecer (vendes), sober (sobe), amor (amo), perguntador (perguntando)	amor (amo)	24
Verbos oxítonos	estar (está), tar (ta), nascir (nasci), conhecer (conheci), crescer (cresci), perceber (percebi), resolver (resolvi), aprender (aprendi), viver (vivi), conseguir (consegui), decidir (decidi), sair (saí), pedir (pedi), preferir (preferi), adquirir (adquiri), descobrir (descobri), ouvir (ouvi)	estar (está), decidir (decidi)	26 ²
Verbos monossílabos	vir (vi), lir (li), ver (vê)	Der (dê)	10

Quadro 1: ocorrências de hipercorreção em verbos de Cesar (2017)

- 2 Destaque-se que três verbos com a terminação -or, quais sejam começar (começou), arrumar (arrumou), ficar (ficou), acabam sobrepondo ao fenômeno de manifestação do <r> a monotongação do ditongo [ow], o que impossibilita dizer com precisão se de fato ocorre uma inserção da coda ou se atua um fenômeno de transformação da semivogal em rótico. Há ainda um dado “conservar-las” (conservá-las), em que a coda (r) tem característica distinta, uma vez que o verbo está no infinitivo e a ausência da coda decorre de um processo fonológico de assimilação, presente na fala e na escrita.

Duas classes de palavras chamam a atenção no estudo de Cesar (2017) pela produtividade do fenômeno, a dos substantivos e a dos verbos. Para além dos valores brutos, o que mais impacta na leitura dos dados é a incidência de róticos em sílabas átonas, uma vez que a literatura constantemente associa o fenômeno à classe dos verbos e, além disso, defende a hipótese de que o escrevente associa a coda (r) das formas infinitivas a uma marca de tonicidade, transferindo-a para outros itens oxítonos da mesma classe de palavras. Considerando-se apenas os dados de escrita escolar, no grupo de substantivos, das 11 ocorrências de erregrafismo, apenas uma incide sobre sílaba tônica, representando 10,10% do total de dados de substantivos hipercorretos, ou seja, 90,90% das hipercorreções ocorrem em contexto átono. No caso dos verbos, os dados de escrita escolar somam 56 dados, sendo 24 ocorrências de hipercorreção em sílabas átonas para 36 em contextoônico. Tais resultados se traduzem em 58,93% de hipercorreção em sílabas tônicas e 41,07% em ambiente átono. Tendo em vista que se trata de um corpus de escrita física, os dados atestam a produtividade do fenômeno e levantam duas questões no que se refere à variável: seria a tonicidade de fato relevante para a marcação hipercorretiva? Se sim, o que motiva a aplicação da marca (r) em sílabas átonas?

Outro fato interessante, considerando-se apenas a classe dos verbos, é a quantidade de hipercorreções que não geram homônimas com palavras da língua, sejam elas: *estavar, vender, sober, perguntador, tar, nascer, conhecer, crescer, perceber, resolver, aprender, viver e lir*. Dos 43 itens verbais nos quais se identificam as inserções de <r>, 13 não formam homônimos, representando 30,23% do percentual total de itens. Esses percentuais apontam para quase 1/3 de palavras divergentes sendo formadas pelo fenômeno. Além disso, é interessante notar a variabilidade de contextos nos quais a coda (r) se insere: a. em sílabas com distintas tonicidades, e b. após morfemas variados. Tais dados abrem um precedente para que se verifiquem as relações entre o fenômeno e a representação escrita dos itens, traçando reflexões sobre até que ponto atua a interferência das formas gráficas da norma-padrão.

A autora realizou uma análise qualitativa das hipercorreções, considerando sua distribuição por quatro fatores, quais sejam: i. *extensão do vocábulo*; ii. *contexto precedente*; iii. *tonicidade do vocábulo*, e iv. *classe gramatical*. Destaque-se que foram considerados apenas os números de ocorrências, sem que se apresentassem os dados em valores percentuais. Apesar de não se poder falar em relevância estatística, tendo em vista a quantidade pouca de dados levantados na pesquisa, devido à grande incidência de verbos no *corpus*, a autora comenta que o fenômeno surge nessa classe. Segundo sua análise, o fenômeno espalha-se para as demais pela não internalização da regra de inserção de <r> ao final de verbos no infinitivo. Assim, a autora postula que o escrevente passa a representar rótico aleatoriamente em qualquer palavra (CESAR, 2017, p. 70). Embora tal afirmação contradiga a própria metodologia do estudo – afinal, se o fenômeno ocorre aleatoriamente, por que selecionar grupos de fatores? – é interessante perceber que ainda não se delimitaram claramente quais fatores levam ao espriamento da marca para outras classes de palavras.

4. Inserção hipercorretiva da coda final (r) em ambientes digitais

De acordo com Godoy et al. (2023), o primeiro estudo de que se tem notícias a trabalhar o fenômeno é o de Fernandes (2016 *apud* GODOY et al., 2023) que se debruça especificamente sobre a hipercorreção da coda final (r) em verbos em ambientes digitais.

Esse fenômeno ganhou visibilidade em tempos de popularização de redes sociais em ambiente online, o que motivou a pesquisa embrionária de Fernandes (2016). No respectivo estudo, houve a coleta assistemática de ocorrências do fenômeno em 31 prints de postagens publicadas no Facebook (posts informais e comentários pessoais acessíveis publicamente) (GODOY et al, 2023, p. 125).

As menções ao trabalho (que não pôde ser encontrado por meios digitais) revelam um questionamento recorrente quanto à manifestação do fenômeno em ambientes virtuais, seja ela: os dados encontrados em textos digitais são de fato hipercorreções, representam erros de digitação ou ainda a atuação de ferramentas de correção automática? Dando sequência à investigação de Fernandes (2016), com vistas a responder à questão anteriormente apresentada, Godoy et al. (2023) realizaram uma pesquisa experimental na qual foram realizados testes para atestar a ocorrência do fenômeno em textos digitais e verificar a produtividade da variante hipercorreta, bem como sua distribuição em relação a fatores linguísticos e extralinguísticos. No trabalho, entretanto, não se apresentam pressupostos teóricos para nortear as análises.

A discussão envolveu o levantamento de duas hipóteses, uma que considera que a inserção do (r) resulta de hipercorreção e outra que associa a inserção a uma marca de tonicidade. O trabalho defende a segunda hipótese.

O acréscimo do R em finais de verbos flexionados, como dar (dá), ler (lê) e conseguir (consegui), é compreendido como casos de hipercorreção (HOUAISS, 1970; CESAR, 2018). De fato, parece haver uma relação desse fenômeno com o apagamento do R em final de verbos infinitivos: o indivíduo sabe que verbos infinitivos têm R na escrita, mas não na fala (fala-se *Vou fazer o trabalho*, mas se escreve *Vou fazer o trabalho*), e isso pode levá-lo a pensar que verbos flexionados oxítonos também terão esse R na escrita, e não na fala (fala-se *Eu saí ontem*, mas se escreve *Eu sair ontem*).

[...]

As ocorrências de acréscimo do grafema R parecem seguir um padrão que nos leva a acreditar na hipótese de que esse R seja um marcador de tonicidade. Não descartamos, porém, uma influência do apagamento do R no infinitivo com manutenção do R na escrita: é possível que o fato de saber que verbos infinitivos têm R na escrita (mas não na fala) leve o indivíduo a pensar que verbos flexionados oxítonos também o terão. (GODOY et al., 2023, pp. 126-7, grifos do original)

Estabelecendo uma reflexão entre a frequência com que as autoras identificam os dados de hipercorreção e padrões de terminação verbal, destaca-se, no trabalho, a recorrência das terminações -a, -e ou -i, embora não se mencione nenhuma outra. Defende-se, com isso, que o fenômeno decorre de uma analogia com a grafia dos verbos no infinitivo:

Nossa hipótese é que há, nesses casos, uma analogia com verbos no infinitivo, que são oxítonos e grafados com R final. Acreditamos que a inserção do R, no final de verbos flexionados, está relacionada à marcação de tonicidade. Ele funcionaria, portanto, como um diacrítico, uma vez que não tem valor de fonema. (p. 135)

Uma discussão importante do trabalho é a relação entre o que se denomina tradicionalmente como hipercorreção, fenômeno relacionado à percepção de linguísticas prestigiosas e à alteração que opera o falante de elementos da própria produção linguística considerados estigmatizados para se adequar aos índices de prestígio. Fernandes (2016), entretanto, questiona que o uso da coda (r) em verbos flexionados seja um procedimento de hipercorreção tendo em vista as ocorrências do fenômeno em contextos informais. Há que se destacar que o trabalho considera que “a hipercorreção ocorre entre aqueles que têm certo grau de conhecimento sobre a estrutura da língua e preocupação com correções gramaticais e ortográficas” (GODOY et al, 2023, p. 127). Tal afirmação está apenas parcialmente correta, uma vez que, de fato, a hipercorreção se relaciona com a consciência linguística do falante, mas a definição de Labov (1972) se afasta da definição tradicional que precedia o trabalho, não mais considerando que a hipercorreção incorra em formas que fogem às regras gramaticais (ver seção 2.1).

Para o levantamento de dados, foi aplicado, em dezembro de 2018, um questionário digital que continha 12 frases com lacunas que deveriam ser preenchidas por verbos. Junto a cada frase apresentavam-se para o participante duas opções de preenchimento da lacuna, uma com a forma ortográfica padrão e outra com a coda final (r). O questionário foi aplicado para 92 informantes de Diamantina (MG) e redondezas, divididos de acordo

com três características extralinguísticas, sejam elas: a. *faixa etária* – 18 anos ou menos; 18 a 25; 25 ou mais –, b. *escolaridade* – ensino fundamental, médio e superior, completos ou incompletos –, c. *redes sociais mais utilizadas* – WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter –, e d. *frequência de uso das redes sociais* – várias vezes ao dia, uma vez ao dia em média, uma vez por semana em média, menos de uma vez por semana. Consideraram-se, como fatores linguísticos para a análise, as *dimensões dos itens* – monossílabos, dissílabos e trissílabos –, a *tonicidade* – verbos oxítonos e paroxítonos – e a *terminação do verbo* – -a(r), -e(r) e -i(r). Além das frases com verbos flexionados, foram inseridas três frases com lacunas a serem preenchidas por verbos no infinitivo, chamadas de “distratoras”. De acordo com o trabalho, a escolha de alguns verbos foi motivada pela produtividade da amostra de Fernandes (2016). Os verbos que constavam no questionário são os seguintes: a. “deixa”, “dá”, “chorar” (distrator), “ama”; b. “sofre”, “vê”, “dê”, “receber” (distrator); c. “ri”, “recebi”, “pedi”, “sair” (distrator). Os resultados estão reunidos no quadro a seguir:

VERBO	GRAFIA PADRÃO	HIPERCORREÇÃO
Deixa	90	2
Dá	80	12
ama	92	0
Sofre	92	0
Vê	84	8
Dê	68	24
Ri	75	17
Recebi	91	1
Pedi	79	13

Quadro 2: resultados do questionário de Godoy et al. (2023)

O questionário reuniu 828 dados da variável, dentre os quais 77 ocorreram com a marca (r), representando 9,30% das ocorrências. No que se

refere aos participantes, as autoras propõem um ranqueamento com base nos seus desempenhos:

O informante que mais optou pelo verbo flexionado com R final, para completar as frases, fez essa escolha sete (das nove) vezes. Em segundo lugar, um outro informante fez essa escolha cinco vezes. Em terceiro, cinco informantes fizeram essa escolha três vezes. Em quarto lugar, 13 informantes escolheram duas vezes e, em quinto lugar, 24 informantes escolheram apenas um verbo flexionado com R final. Por fim, 48 informantes não escolheram nenhuma das nove opções de verbos flexionados com R final.

Ao cruzar os dados quantitativos dos fatores sociais com os internos, chegamos a uma divisão dos 92 informantes em três grupos, conforme o ranking acima. O primeiro grupo, composto por 20 informantes, escolheu mais de uma vez o R final. O segundo grupo, constituído por 24 pessoas, optou pelo R final apenas uma vez. O terceiro grupo, formado por 48 membros, é dos informantes que não escolheram nenhuma forma verbal flexionada com R final. O primeiro e segundo grupos, somados, têm 44 membros. Assim, 48% dos informantes confirmaram a existência do fenômeno, enquanto 52% não o reconheceram. (GODOY et al., 2023, pp. 137-8)

Destaque-se que não é possível afirmar que os falantes não reconhecem o fenômeno, uma vez que não se tem como atestar com esse tipo de teste o que o falante sabe ou não. É bastante possível, tendo em vista a influência da escola (uma vez que se considera escolaridade na pesquisa), que o falante que não apresenta nenhum caso de escolha da variante não padrão perceba o fenômeno e reconheça o estigma da variante observada. Além disso, apenas testes de crenças e atitudes poderão apontar se o fenômeno está acima ou abaixo do nível da consciência e ainda se funciona como marcador ou estereótipo nos termos de Labov (1972).

As frases do questionário denominadas “distratoras” são apenas três, uma inserida a cada grupo de terminações, sejam elas: i. “João, _____ não vai resolver seus problemas.” (*chorar*); ii. “Você poderia _____ esse papel?.” (*receber*); iii. “Você vai _____ hoje?” (*sair*). É importante destacar

que tais frases apresentam formas verbais infinitivas, o que, em se tratando da marcação hipercorretiva da coda final (r) em itens verbais, além de não representar um distrator, haja vista que a própria hipótese da hipercorreção apresentada no trabalho aponta a analogia às formas verbais infinitivas, funciona como um *input* positivo para a representação da coda, afetando com isso os resultados. Além disso, no que se refere aos verbos com os quais se verificaria a hipercorreção, há problemas quanto à sua distribuição em relação aos fatores linguísticos considerados.

Quanto à *tonicidade*, que é o ponto principal do trabalho, dos nove verbos, apenas três são paroxítonos (“deixa”, “ama”, “sofre”), o que representa dois problemas, quais sejam: i. o desequilíbrio inicial que se impõe para a variável – o fato de os verbos em -i serem tônicos – não foi compensado com a distribuição da tonicidade pelas demais variantes, haja vista que há dois verbos átonos para a terminação -a e apenas um para a terminação -e; ii. o problema da distribuição de tonicidades só pode ser abordado com o uso de formas que não coincidem com o infinitivo padrão escrito, tal como os usos de “morrir” e “vendir” em contexto átono, portanto, a adoção da divisão hipercorreção x grafia padrão não dá conta de mapear o fenômeno.

No que diz respeito à *dimensão* dos verbos, o desequilíbrio dos dados está também atravessando as variáveis. Dos nove verbos selecionados, quatro são monossílabos (“dá”, “vê”, “dê”, “ri”), quatro são dissílabos (“deixa”, “ama”, “sofre”, “pedi”), além dos distratores “chorar” e “sair”, e apenas um item é trissílabo (“recebi”) junto ao distrator “receber”. A terminação -a conta com dois três dissílabos e apenas um monossílabo, a vogal -e é representada por dois monossílabos, um dissílabo e um trissílabo, ao passo que -i apresenta um monossílabo, dois dissílabos e um trissílabo. A não padronização das variantes acaba ofuscando os resultados do grupo de fatores *dimensão do vocabulo*.

Em se tratando dos verbos, um problema que se coloca pela seleção dos dados que compõem a pesquisa. Um dos itens apresentados, “recebi”, além de ser afetado pela forma “receber”, observada no grupo da terminação

-er, apresenta um efeito que não pôde ser de fato analisado no trabalho, qual seja a relação entre a coincidência gráfica entre a hipercorreção. Todos os demais oito verbos formam pares com os infinitivos padrões escritos quando recebem a coda final (r). Isso se coloca como um problema de análise, afetando a verificação da relação entre o conhecimento gráfico e o conhecimento fonológico.

É importante destacar que as autoras justificam o questionário como forma de atestar o fenômeno na escrita digital, tendo em vista os questionamentos acerca do erro de digitação e da atuação do corretor automático. O questionário, entretanto, não dá conta de sanar essa questão, pois, embora seja realizado em uma plataforma digital, consiste em um teste de escolhas binárias e não em uma reunião de dados de produção. Com isso, o trabalho atesta a variável, mas não o seu uso em ambientes digitais. Quanto à manifestação do fenômeno, para além das menções anteriores na literatura, que discutiam fala e escrita no papel, Cesar (2017) e Mendonça (2021, 2022) já haviam apresentado dados da inserção hipercorretiva do (r) em ambientes digitais.

Um aspecto interessante do trabalho é propor uma metodologia para capturar as alternâncias nas escolhas dos falantes, o que possibilita reflexões sobre uma série de aspectos da percepção e do uso linguísticos. Além disso, o questionário permite à pesquisa o mapeamento de características sociais, o que é bastante difícil tendo em vista as configurações dos ambientes digitais.

A hipercorreção da coda final (r) em textos digitais foi tratada a partir de uma abordagem sociolinguística nos trabalhos de Mendonça (2021) e Mendonça e Melo (2023). Contando com um corpus de 419 ocorrências do fenômeno, com dados de textos publicados em redes sociais, aplicativos de relacionamento e de conversa, os trabalhos analisam dados nos quais as formas verbais hipercorretas geram homônimas com os as formas ortográficas dos infinitivos, tal como em “ver” por “vê”, “gostar” por “gosta” e “conseguir” por “consegue”. Articulando os pressupostos teóricos dos Modelos Baseados no

Uso e da Sociolinguística Quantitativa, buscou-se nos trabalhos: a. investigar a relação entre representação mental e forma ortográfica, tendo em vista que os MBU consideram que a experiência dos usuários com a escrita afeta o conhecimento linguístico; b. discutir como o fenômeno de espalha dentro da classe dos verbos, e c. identificar contextos linguísticos favorecedores, mapeando fatores lexicais e estruturais.

Em relação aos condicionamentos de ordem lexical, observou-se como uma variável aleatória o *item lexical*. O trabalho conta com 145 verbos distintos, dentre os quais selecionaram-se 34 para a análise com efeitos aleatórios, com base na sua frequência de ocorrência. Quanto aos fatores estruturais, analisaram-se as seguintes variáveis:

VARIÁVEL	VARIANTES		
Tonicidade da sílaba final	tônica (<i>essa estar boa</i>)	átona (<i>ele só assistir tv</i>)	
Vogal antecedente	<a> (estar)	<e> (saber)	<i> (mentir)
Dimensão do vocábulo	monossílabo (dar)	dissílabo (pedir)	mais de três sílabas (responder)
Expressão do sujeito	lexical (<i>mãe ver tudo</i>)	funcional (<i>você não engajar</i>)	não explícito (<i>não entender</i>)

Quadro 3: variáveis independentes analisadas por Mendonça (2021) e Mendonça e Melo (2023)

As hipóteses primárias dos estudos consideram que o fenômeno teria surgido nos verbos oxítonos, a partir da extensão analógica entre o padrão sonoro das formas infinitivas e a posição da sílaba tônica nesses verbos. Como hipótese para a inserção da marca nos contextos átonos, assume-se que ocorreria analogia à representação gráfica do infinitivo, apenas. As

demais variáveis são sustentadas pelas seguintes hipóteses: a. o contexto antecedente seria relevante, com a vogal <i> favorecendo a hipercorreção, por conta da sobreposição de tonicidade e dado o seu caráter transversal na classe dos verbos (morfema de P1 do pretérito perfeito e vogal temática da terceira conjugação); b. quanto menor o vocábulo, mais favorável seria para a inserção hipercorretiva, e c. sujeitos não explícitos e representados por elementos funcionais seriam favorecedores da hipercorreção, e aqueles com núcleos lexicais desfavoreceriam a marcação.

Após o cômputo das variáveis, os dados foram submetidos à regressão logística no programa Rbrul, em duas rodadas. A primeira observa apenas variáveis de efeito fixo, ao passo que a segunda insere os itens lexicais como variáveis aleatórias. A tabela que segue apresenta os resultados da rodada inicial

Variável	Dimensão do vocábulo	Vogal antecedente	Tonicidade da sílaba final	Expressão do sujeito
<i>p</i> -valor	5.11e-05 ³	0.00375	0.0953	0.295

Tabela 1: p-valores das variáveis independentes analisadas por Mendonça (2021, p. 61)

Os resultados da tabela anterior demonstram que, na rodada com efeitos fixos, o programa seleciona apenas as variáveis *dimensão do vocábulo* e *vogal antecedente*.

Observem-se, em seguida, os resultados da variável *dimensão do vocábulo*:

3 O símbolo e-número representa a quantidade de zeros antes do número indicado. Portanto, p-valor é igual a 0.00000511.

Variante	Log-odds	Tokens	%	Peso relativo
Monossílabo	0.753	102	84.3	0.680
Mais de três sílabas	0.009	122	61.5	0.502
Dissílabo	-0.762	195	45.1	0.318

Tabela 2: resultados para *dimensão do vocábulo* por Mendonça (2021, p. 64)

A variável indicou como favoráveis à hipercorreção as variantes *monossílabo* e *mais de três sílabas*. O resultado é analisado como evidência do efeito da frequência de tipo, uma vez que a inserção hipercorretiva do rótico se assemelha estatisticamente à representação usual da coda final (r) em verbos, indicando como favorecedores os mesmos contextos que aponta a literatura.

Em seguida, encontram-se os resultados da variável *vogal antecedente*:

Variante	Log-odds	Tokens	%	Peso relativo
<i>	0.847	89	84.3	0.70
<a>	-0.352	236	50.8	0.413
<e>	-0.495	94	57.4	0.379

Tabela 3: resultados para *vogal antecedente* por Mendonça (2021, p. 66)

A análise indicou que apenas a vogal <i> favorece o fenômeno. Os resultados corroboram a hipótese levantada para a variável. Analisa-se, nos trabalhos, que a vogal atua como gatilho da consciência linguística em relação à classe dos verbos.

Na rodada com efeitos aleatórios, o programa não selecionou nenhuma variável independente. Como análises preliminares desse resultado, discute-

se que pode haver condicionamentos de ordem lexical. Assim sendo, o falante faria uma generalização para a classe dos verbos, aplicando a marca de acordo com a influência dos efeitos de frequência.

A literatura discute frequentemente a relação de alimentação entre a fala e a escrita, na qual a primeira interfere diretamente na segunda. Nos trabalhos de Mendonça (2021) e Mendonça e Melo (2023), o recorte da pesquisa, que considera apenas formas homógrafas aos infinitivos padrões escritos, permite aos trabalhos discutir a relação entre interferência das representações gráficas das formas verbais infinitivas no conhecimento linguístico, abordando a retroalimentação da escrita no sistema.

Discute-se ainda outro movimento, que consiste na interferência da escola nas escolhas linguísticas do falante. Atuando direta e indiretamente como entidade de propagação do estigma, repreendendo os usos que se afastam da norma-padrão ortográfica, a escola gera um sentimento de insegurança linguística que leva inicialmente às hipercorreções, e que é, com o tempo, supergeneralizado pelos falantes, os quais passam a aplicar marca (r), derivada da regra ortográfica de infinitivo, mesmo em contextos nos quais há baixo monitoramento, como se verifica em boa parte dos dados coletados a partir de textos digitais analisados nos estudos. Mendonça (2021) e Mendonça e Melo (2023) apontam a identificação do fenômeno em variados contextos de monitoração estilística como evidências de que as pressões que o falante sofre podem impactar o sistema, levando à produção regular de hipercorreções.

Conclusões

A marcação hipercorretiva da coda final (r) surge de uma dissonância entre o uso real (que é praticamente ausente na fala) e o uso prescrito (presença requerida na escrita), estabelecendo um atravessamento social na gramática do falante. Por uma série de fatores, não se estabelecem os contextos de uso do rótico na escrita, mesmo assim, a prescrição continua a pressionar a representação do segmento, o que acaba por levar à hipercorreção.

As menções à hipercorreção da coda final (r) encontram-se normalmente espalhadas em trabalhos que, em maioria, têm como objeto de análise a expressão escrita da coda final (r) em itens infinitivos e em outras formas verbais nas quais a coda é representada, ou ainda em textos que abordam erros gerais da escrita escolar. Estão em menor número os estudos que observam especificamente o fenômeno. As referências à hipercorreção da coda final (r) em tais trabalhos apresentam caráter majoritariamente qualitativo, fato que se justifica porque as formas hipercorretas representam uma variante rara em relação às demais variantes da coda (r).

A literatura sobre o fenômeno apresenta um consenso em relação à atuação da consciência linguística dos escreventes na sua manifestação. Os estudos recentes demonstram ainda que o fenômeno não está restrito aos contextos de maior monitoramento, figurando em gêneros e suportes variados. Ao passo que na escrita escolar estão mais evidentes a questão do monitoramento e da insegurança linguística, o mesmo não se verifica em dados de escrita digital. As análises de dados de ambientes digitais discutem a não univocidade entre hipercorreção e insegurança linguística, haja vista a regularidade das hipercorreções, que extrapolam contextos de maior monitoramento (e insegurança).

Observa-se que os trabalhos sobre a hipercorreção da coda final (r) na escrita escolar têm uma tendência a reproduzir nas análises as variáveis independentes consideradas para os estudos de fala. Por exemplo, o estudo de Queiroz (2016) trata o *contexto antecedente* considerando parâmetros articulatórios das vogais; Bomfim (2021) considera nas análises o *contexto subsequente*, também a partir de parâmetros articulatórios. Tais escolhas têm coerência, afinal, a escassa literatura da área impede que os trabalhos se apóiem em outros parâmetros. Outro fator que chama a atenção em alguns estudos é a utilização de critérios morfológicos para observar os verbos, como se verifica nos trabalhos de Cesar (2017), Bomfim (2021) e Godoy et al. (2023), que segmentam os verbos por *conjugação*. Isso acaba por mascarar os resultados, uma vez que o recorte de conjugação põe em mesmas variantes

vogais distintas e ainda aquelas que se repetem dentro de conjugações diferentes.

Verifica-se, de maneira geral, que não há uma sistematicidade nas análises do fenômeno. Os contextos estruturais para os padrões de variação observados de maneira mais consistente são *dimensão do vocábulo*, *tonicidade silábica* e *contexto antecedente*. Além disso, os resultados chamam a atenção para a possibilidade de os dados de hipercorreção apresentarem *coincidência gráfica* com palavras correntes na língua. Verifica-se também que o *item lexical* pode atuar como um condicionador do fenômeno. Entretanto, há que se destacar o esforço de trabalhos mais recentes em desenvolver metodologias de análise que deem conta de considerar tanto os baixos percentuais de realização do segmento na fala quanto as particularidades da aprendizagem da escrita para a análise da representação gráfica hipercorreta da coda (r).

Referências

ALMEIDA, Daniele Cristina de. **Tratamento didático do apagamento e inserção da rótica em final de verbos**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (Dissertação - Mestrado Profissional em Letras), 2016.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Bomfim, Jussileide Ramos. **“Eu vou começa a fala [...] eu sair escondido”** – estratégias para trabalhar com o apagamento e a hipercorreção em sala de aula. São Cristóvão, SE, UFSE, Mestrado Profissional em Letras, 2021.

BRANCO, Andréia Aparecida Tomáz Castelo. **O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no Ensino Fundamental II**. Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), 2020.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *In: DELTA*, São Paulo, v. 14, n. spe, p. 00, 1998.

Callou, Dibah; Serra, Carolina. Variação do rótico e estrutura prosódica. *In: Revista do GELNE* (UFC), v. 1, p. 41-57, 2012.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística Educacional**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro [1972]. *In: UCHÔA*, Carlos Eduardo Falcão. (Org.). **Dispersos de Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CESAR, Helena Horvat de Farias. **Acréscimo do grafema <r> em coda silábica**: intervenção para casos de hipercorreção. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

FERNANDES, Valéria dos Santos. **Um novo fenômeno ortográfico na escrita digital**: o grafema r final em verbos flexionados. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Humanidades, UFVJM. Diamantina, 2016.

FREITAS, Amanda Cristina de; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira. O apagamento do /R/ em coda final de nomes e verbos infinitivos na escrita escolar de alunos do 8º ano. **Revista Investigações**, Recife, v. 34, n. 2, p. 1 - 26, 2021.

GOGOY, Luisa Andrade Gomes; PEREIRA, Pâmella Alves; FERNANDES, Valéria dos Santos. “Ontem eu não sair”: o grafema r final em verbos flexionados como marcador de tonicidade. **Missangas: Pesquisas em Literatura e Linguística**. Teixeira de Freitas (BA): UNEB, ano 4, número 7, Jan – Jun, pp. 125-143, 2023.

HORA, Dermeval; MONARETTO, Valéria Oliveira. Enfraquecimento e cancelamento dos róticos. *In*: HORA, D.; Collischonn, G. (Org.). **Teoria Linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, p. 114-143, 2003.

HOUAISS, Antônio. Sobre alguns aspectos da recuperação fonética. *In*: **Anais do Primeiro Congresso de Filologia Românica**. Rio de Janeiro: MEC, p. 25-38, 1970.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *In*: **Sociolinguistic Working Papers**, 44. Austin, Texas: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: Internal Factors**. Vol. 1. Oxford UK/Cambridge - USA, Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: External Factors**. Vol 2. Cambridge/ Philadelphia, Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre. São Paulo: Contexto (2008 [1972]).

MARTINS, Karine Gonçalves. **Variação na escrita do /r/ final: uma análise em textos escritos e dados orais de alunos do Ensino Fundamental I**. Universidade Federal de Ouro Preto: Departamento de Letras. *Programa de Letras: Estudos da Linguagem* (Dissertação - Mestrado Acadêmico), 2019.

MENDONÇA, Caio Mieiro; MELO, Marcelo Alexandre Silva Lopes de. **Hipercorreção da coda final (r) em textos digitais: um fenômeno variável.** Working Papers em Linguística (ONLINE), v. 24, p. 54-78, 2023.

MENDONÇA, Caio Mieiro. **Da hipercorreção ao reforço pragmático: considerações sobre a marca de infinitivo.** Cadernos Do NEMP, v. 13, p. 35-47, 2022.

MENDONÇA, Caio Mieiro. **“O mundo não gira, ele capotar”:** hipercorreção e variabilidade no uso da coda (r) ao final de verbos. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021.

MOLLICA, Maria Cecilia. **Influência da fala na alfabetização.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

QUEIROZ, Verônica Tozzo de. **A ausência de registro da vibrante na escrita de alunos do Ensino Fundamental II em ambiente on-line e off-line.** Rio de Janeiro: PROFLETRAS UFRJ, 2016.

RENNICKE, Iiris. Representação fonológica dos róticos do português brasileiro: uma abordagem à base de exemplares. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 70-97, 2016.